

A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB) E A PESQUISA COMO NORTEADORA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cristiano Antônio Brugger Rodrigues¹

Resumo

Esse trabalho é resultado da pesquisa qualitativa em andamento sobre esforços mobilizados por estudantes e professores em suas práticas pedagógicas em prol da construção de conhecimentos. Aborda, mais diretamente, o envolvimento e a participação das equipes na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). Pautado pela temática da formação integral/omnilateral, busca-se problematizar a imersão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) na ONHB. Concomitantemente, analisa-se o trabalho com pesquisa escolar nas práticas pedagógicas desde os anos finais do ensino fundamental e, principalmente, no ensino médio integrado, refletindo sobre suas limitações e alcances. Não se trata de responder várias questões sobre um tema, o que acaba por desestimular alunos em meio a um emaranhado de informações, mas prevalece o desejo de conhecer, criar, refletir, compartilhar, produzir e avaliar resultados numa efetiva interação com o mundo que os cerca. Ainda, objetiva-se conhecer o trabalho de docentes e estratégias de estudantes que têm participado dessa competição. Para isso, além da leitura e interpretação de referências que abordam essa temática, serão analisadas, por meio de entrevistas semiestruturadas, equipes que participaram de diferentes edições da ONHB. Acredita-se que o reconhecimento de trabalhadores que se empenham nesse amplo e complexo processo de formação pode favorecer e ressignificar diversas práticas educativas.

Palavras-chave: Formação Integral; Olimpíadas Científicas; Construção de Conhecimentos.

Introdução

Pensar a educação brasileira no século XXI é desafiador. Nesse cenário político-econômico,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - IFMG. Especialista em Teoria e Métodos de Pesquisa em Educação - UFOP. Graduação em História e Pedagogia pela UFMG. E-mail: bruggercristiano@gmail.com

marcado pela extrema desigualdade, acrescido dos insuficientes investimentos em pesquisas, sobretudo nas ciências humanas e sociais, diversas instituições públicas consolidadas e reconhecidas têm explicitado a difícil situação, sobretudo financeira, em que se encontram.

Após quase uma década de atuação como docente na educação básica, e mais recentemente como especialista em educação, tornou-se ainda mais visível o ato político inerente às escolhas individuais e coletivas.

Essa pesquisa insere-se na área da educação profissional e tecnológica com o desafio de ampliar as reflexões sobre esse campo do saber, sempre na busca por práticas pedagógicas na perspectiva crítica, que favoreçam a formação integral, ou seja, um conhecimento capaz de promover transformações nos sujeitos e, conseqüentemente, ao seu redor. Nesse sentido, ratifica-se os apontamentos de que a consciência do fato não significa a mudança do mesmo, é preciso da ação para a transformação. E é nessa perspectiva que o pensar sobre o ensino de forma geral, e especificamente o ensino integrado, na constante relação entre educação e trabalho, faz-se pertinente e necessário.

Muitas são as relações envolvidas no processo de ensino-aprendizagem pautado pela concepção de formação integral. Ressalta-se a participação e envolvimento do estudante, orientado por professores com formação inicial e continuada de qualidade, como potencializadora para se construir tal percurso.

A participação em eventos científicos, mais especificamente a ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil), diretamente abordada nessa pesquisa, tem se consolidado como importante estratégia nesse processo de construção e divulgação de conhecimento científico. Conforme depoimentos de participantes e estudos publicados, tais eventos influenciam positivamente na formação continuada dos docentes envolvidos e favorece o crescimento pessoal dos estudantes.

Segundo informações do site oficial², a ONHB é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desenvolvido pelo Departamento de História, coordenado pelas professoras doutoras Cristina Meneguello, Alessandra Pedro e Raquel Gryszczenko Alves Gomes. Conta com apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Telecomunicações (MCTIC), por meio do edital de Olimpíadas Científicas do Conselho Nacional de

² <https://www.olimpiadadehistoria.com.br>

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 2018, foi realizada a 10ª edição, que consistiu em seis fases online com duração de uma semana para cada fase, com questões e tarefas diversas. A ONHB firmou-se como uma empolgante competição para equipes do ensino fundamental e ensino médio de todo o Brasil, trazendo uma proposta inovadora de estudar a história do Brasil, abordando temas fundamentais a partir de documentos históricos, imagens, mapas, textos acadêmicos, pesquisas inéditas e debates historiográficos.

As inscrições são abertas a escolas da rede pública e privada em todo o país. Cada equipe, para se inscrever, precisa contar com quatro pessoas, sendo três estudantes da mesma escola, (8º e 9º anos do Ensino Fundamental, ou do ensino Médio), mais um professor de história que trabalha na instituição. Um professor pode orientar mais de uma equipe, mas cada estudante só pode se inscrever numa equipe.

As questões são respondidas pelos participantes por meio do debate com os colegas de equipe e a pesquisa em livros, internet e a orientação dos professores. Cada questão apresenta 4 alternativas, e mais de uma está correta, cabendo às equipes selecionar a alternativa que consideram a mais adequada em resposta à questão.

Essa Olimpíada também mobiliza temas interdisciplinares (geografia, literatura, arqueologia, urbanismo, atualidades) e, conforme relato das coordenadoras e de participantes, tem um impacto positivo na leitura, compreensão e escrita dos estudantes.

No caso específico da Educação Profissional, consideramos que a ONHB colabora para a formação de estudantes-cidadãos-trabalhadores e estimulam a práxis pedagógica dos educadores ao desenvolver metodologias que enfatizam a construção de estratégias, a criatividade, a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na capacidade de enfrentar desafios (SOUZA; COSTA JÚNIOR, 2016, p.84).

Trata-se, portanto, de um projeto que tem como principal objetivo valorizar não apenas o ensino de história, mas também celebrar a relevância de professores e alunos na construção coletiva do conhecimento.

Contudo, em sua dissertação de mestrado, Costa Júnior (2017), citando outros autores, apresenta críticas pertinentes, ressaltando o caráter excludente da ONHB, o pouco impacto nas formas de

ensinar e, principalmente, a questão da competitividade:

Não há muitos estudos acerca dessas competições escolares, conforme afirmam Rezende e Ostermann (2015). Segundo algumas pesquisas em que esses eventos têm sido objeto de estudo, apesar da expansão das olimpíadas científicas e do fomento por parte de instituições públicas e privadas, de diversas origens, elas não significam necessariamente uma renovação no ensino, isso mesmo considerando as reformulações nas propostas de atuação pedagógica e do status adquirido por esse tipo de competição. (REZENDE; OSTERMANN, 2012; 2015).

As autoras em tela também destacam que as olimpíadas, além de não serem realizadas por todos os estudantes, nem sempre são pensadas com o intuito de resolver as situações de discentes com defasagem de aprendizagem ou com dificuldades de compreensão dos conteúdos. Para Rezende e Ostermann (2012, p. 252), “a pretensa competição escolar justa reforça o sentimento de fracasso escolar, que passa a ser legítimo na visão dos estudantes”. As referidas pesquisadoras acrescentam que as olimpíadas científicas, além de promoverem a competitividade, são sustentadas pelos objetivos de cientistas que buscam novos talentos para impulsionar e preencher os grupos científicos do país. Ou seja, muitas vezes, buscam apenas os “gênios”. Além disso, as autoras questionam a prática desse modelo “[...] como uma das medidas de Estado que, pretensamente, visam à melhoria do ensino nas escolas públicas [...]” (REZENDE; OSTERMANN, 2015) (COSTA JÚNIOR, 2017, p.49).

Essas análises não desqualificam a ONHB, mas constituem apontamentos que precisam ser (re)pensados pelas organizadoras, visando minimizar tais problemas.

Os esforços devem ser pela construção de uma formação omnilateral que torna o estudante capaz de examinar a própria vida, de se fazer perguntas, de colocar em questão tudo o que o envolve, sobretudo as relações de trabalho, além de compartilhar suas concepções com os outros.

Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Para alcançar os objetivos propostos, além da revisão bibliográfica, será considerada a participação na ONHB, preferencialmente equipes que tenham conquistado alguma medalha, numa unidade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT).

Outro instrumento para coleta de dados a ser utilizado, refere-se a entrevistas semiestruturadas

com professores de história (máximo dois), preferencialmente daquela instituição. A princípio, estas entrevistas serão gravadas (apenas as vozes) e, depois, transcritas para se proceder à análise dos dados, na busca por conhecer e compreender da organização/planejamento do trabalho docente e das estratégias metodológicas desenvolvidas na preparação de estudantes que participaram da ONHB.

Há, ainda, a intenção de entrevistar estudantes que compuseram a(s) equipe(s), máximo duas, identificando aproximações e distanciamentos entre o que se apresenta como ideal pelas teorias e a realidade de vida desses estudantes para além do espaço escolar.

Por fim, analisar atividade(s) desenvolvida(s) por essa(s) mesma(s) equipe(s) na(s) tarefa(s) da edição em que participaram da ONHB, a fim de conhecer mais detalhadamente o nível de elaboração e de raciocínio que os estudantes demonstraram, bem como a apropriação de uma linguagem científica.

Para além do discurso: possibilidade de ação

A inserção de uma escrita mais próxima da científica desde o ensino fundamental, e principalmente no ensino médio integrado, buscando organizar/estruturar o pensamento sobre o que se deseja aprofundar, dentro de prazos e possibilidades plausíveis, talvez, seja uma forma de aproximar a linguagem científica ao que os estudantes aprendem e aprendem sobre o mundo.

A dificuldade em sistematizar os interesses de estudo num projeto de pesquisa científica, dentre outros fatores, tem levado docentes da educação básica a não prosseguirem na formação stricto sensu, distanciando-os das discussões acadêmicas e mesmo da participação em eventos científicos como a ONHB.

Na relação professor-aluno (orientador-orientando), o trabalho de pesquisa requer a construção de diálogos na escolha dos temas e, sobretudo, envolvimento do estudante no decorrer de todo o processo, o que pode favorecer sua autonomia na construção do conhecimento. Mais importante que responder várias questões sobre determinado assunto, é o ato de problematizar, selecionar, aprofundar e construir conhecimentos. Isso demanda o uso de métodos e metodologias, mas vai além, pois trata-se de uma aprendizagem própria. Esse percurso muito se aproxima ao que é

requerido para se obter êxito nas várias fases da ONHB que, em 2019, ampliou o quantitativo de equipes participantes em todo o país.

A pesquisa deve instigar o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gerar inquietude, para que ele não incorpore “pacotes fechados” de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum (saber cotidiano), escolares ou científicos. Esse tipo de atitude, quando despertada nas primeiras fases escolares, contribui para que, nas faixas etárias e níveis educacionais mais avançados, o estudante possa formular questões de investigação no campo mais formal, quer seja na sua forma aplicada ou na denominada pesquisa de base ou acadêmica (MOURA, 2007, p.23).

O conceito de ensino como pesquisa remete à profunda articulação entre ensino e aprendizagem e à autonomia de professores e alunos de se assumirem como sujeitos do processo histórico e da produção do conhecimento. Tal premissa supõe a busca de materiais que possibilitem eleger momentos, processos e lugares significativos da experiência social de trabalhadores – incluindo grupos, classes sociais – assim como vislumbrar conflitos, tensões, resistências, articulações entre memórias hegemônicas e alternativas, produzidas na vida cotidiana. Isso implica em incorporar a pesquisa como princípio organizador de todas as atividades e não como um “recurso pedagógico” ou uma atividade a mais na sala de aula. Daí deriva a proposta de pensar o ensino e a pesquisa de forma articulada. Processo no qual professor e aluno, juntos, realizam uma reflexão e produzem saber como sujeitos no duplo sentido: sujeito social e sujeito do conhecimento. E o maior ganho é explicitar aos envolvidos modos de compreender, fazer e difundir conhecimentos científicos.

Panorama geral

O trabalho com pesquisa é pouco explorado na educação básica, sobretudo em escolas públicas e, geralmente, acontece na forma de questionário. Ou seja, o estudante apenas responde às questões propostas. Tal prática pode desestimular os alunos (e professores) ao desejo de conhecer, criar, refletir, compartilhar, produzir e avaliar resultados numa efetiva interação com o mundo que os cerca.

A inserção do discente (e docente) em projetos de pesquisa científica é uma potente forma de

contribuir para a formação dos estudantes, conduzindo-os à participação ativa no processo de construção de conhecimento.

Como professor de história, e em contato com colegas de profissão, especificamente em relação à ONHB, ainda persiste um desconhecimento de sua existência, o que vem sendo alterado a cada edição. Mas o problema vai muito além, não se configurando como principal motivo da pouca adesão em toda a região metropolitana de Belo Horizonte. Prevalece um distanciamento entre a educação básica e o ensino superior, sendo vigente a concepção de que lidar com o fazer científico compete ao ensino superior e, à educação básica, sobretudo o ensino fundamental, espaço de se focar nos conteúdos já consolidados e determinados para cada ano escolar. Diante desse contexto, em todo o tempo, reforça-se a necessidade de se (re)pensar a formação docente, inicial e continuada.

As complexas relações entre educação e trabalho tornam-se mais ampliadas quando se compreende os conceitos de educação profissional, trabalho, ciência, pesquisa e formação omnilateral. Aprofundar tais concepções a partir de referenciais teóricos na perspectiva marxista pode (re)significar as instituições escolares, sobretudo as de ensino profissional, e o contexto no qual estão inseridas, o que influencia as iniciativas de produção e divulgação do conhecimento.

Ampliando percepções – Referencial Teórico

Compreender a dualidade histórica na educação brasileira, em que há objetivos díspares dependendo do público a que se dirige, torna mais plausível a diferenciação nos diversos discursos coexistentes. Saviani denuncia que “o ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, enquanto que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo” (SAVIANI, 1989, p.138). Justamente na tentativa de romper com essa separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, que ainda vigora em nossa sociedade, autores defendem, com certa equivalência entre os termos, formação integral, formação omnilateral e/ou politecnicia.

Esse mesmo autor, ao trabalhar o conceito de politecnicia, afirma que o mesmo exige que o processo de trabalho se desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. “O que a ideia de politecnicia tenta introduzir é a compreensão desse fenômeno, a

captação da contradição que marca a sociedade capitalista, e a direção de sua superação” (SAVIANI, 1989, p.139).

O desafio é romper com a dualidade posta na educação brasileira, em que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo, enquanto o ensino profissional é destinado aos que devem executá-lo, ou seja, trabalho manual. O historiador Caio Boschi explicita:

(...) dentre as angústias modernas se destaca, sem dúvida, a preocupação com o trabalho. É a História, mais uma vez, que nos esclarece sobre as causas da crise do desemprego – e que também indica saídas baseando-se no conhecimento do passado. Se é verdade que o desenvolvimento científico e tecnológico tem proporcionado extraordinários avanços, ao mesmo tempo atinge seriamente as relações de trabalho de milhões de pessoas no mundo inteiro. Quem não se defronta com essa questão na prática? Não é mera coincidência que tantos especialistas, incluindo historiadores, se dediquem a estudar as relações de trabalho de outras épocas e lugares, inclusive no Brasil. Entre nós merece destaque o fenômeno da escravidão, que marcou a estrutura das relações de trabalho no país e causa histórica de problemas que persistem até hoje. Há na sociedade brasileira um grande desprezo pelo trabalho braçal, antes só realizado por cativos e atualmente desempenhado em grande parte por afrodescendentes que recebem em média salários menores do que os trabalhadores brancos, em sua maioria também pobres e explorados. Sem esquecer a discriminação social que, infelizmente, se manifesta em nosso país (BOSCHI, 2019, p.26).

Mesmo reconhecendo o distanciamento na realidade educacional brasileira na construção dessa formação omnilateral, frente a todos os entraves nas tentativas de se construir um Ensino Médio Integrado (EMI) capaz de oferecer ao estudante formação profissional e instrução geral, esse professor-pesquisador do IFRN insiste em creditar ao EMI “uma possibilidade de caminho a ser trilhado na direção pretendida” (MOURA, 2013, p.707).. A concepção de Ensino Médio Integrado se fundamenta em autores que defendem o rompimento dessa escola dual, pois, ao contrário, almeja-se uma escola que seja unitária, garantindo a todos o direito ao conhecimento, e uma educação integrada, que possibilita o acesso à cultura, à ciência, ao trabalho, por meio de uma educação básica e profissional.

O trabalho docente tendo a pesquisa como norteadora da prática pedagógica contribui nesse processo. O desafio de formar estudantes questionadores, interessados, que dialogam sobre assuntos que têm valor de aprendizagem, de conhecimento e de socialização é o anseio dos que

estão na profissão docente por escolha própria. Esses profissionais respeitam e valorizam os alunos no seu nível de conhecimento e como pessoas que estão aprendendo. Conforme Moura (2007), entendida como um princípio educativo, a pesquisa apresenta uma relação estreita com o processo de ensino-aprendizado e com a formação da autonomia intelectual dos educandos, fornecendo-lhes mais experiência com esse nível de discurso/linguagem.

Lembremos que, dentre os eixos norteadores do Ensino Médio Integrado, apresentados por Moura (2007, p.23), está a pesquisa como princípio educativo. Para ele: A pesquisa deve instigar o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gerar inquietude, para que ele não incorpore “pacotes fechados” de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum (saber cotidiano), escolares ou científicos. Esse tipo de atitude, quando despertada nas primeiras fases escolares, contribui para que, nas faixas etárias e níveis educacionais mais avançados, o estudante possa formular questões de investigação no campo mais formal, quer seja na sua forma aplicada ou na denominada pesquisa de base ou acadêmica (SOUZA; COSTA JÚNIOR, 2016, p.84).

Na educação básica, as concepções de professor pesquisador e professor reflexivo, capaz de analisar a própria prática, vem sendo, aos poucos, disseminada. É nesse contexto que se tornou viável abordar a Olimpíada Nacional em História do Brasil como evento científico que tem se consolidado no cenário nacional.

No caso específico da Educação Profissional, consideramos que a ONHB colabora para a formação de estudantes-cidadãos-trabalhadores e estimulam a práxis pedagógica dos educadores ao desenvolver metodologias que enfatizam a construção de estratégias, a criatividade, a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na capacidade de enfrentar desafios (SOUZA; COSTA JÚNIOR, 2016, p.84).

Ressalta-se que os esforços devem ser pela construção de uma formação integral que torna o estudante capaz de examinar a própria vida, de se fazer perguntas, de colocar em questão tudo o que o envolve, sobretudo as relações de trabalho, além de compartilhar suas concepções com os outros.

Todas essas análises se entrelaçam às especificidades da história enquanto campo de conhecimento que se (re)constrói pela prática da pesquisa. Ensinar e apreender só ocorrem significativamente quando decorrem de uma postura investigativa de trabalho.

Mais do que dominar os produtos, interessa aos alunos compreender que estes



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

são resultantes de um processo de investigação humana. Assim, trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Significa explicitar os nexos entre a atividade de pesquisa e seus resultados; portanto, instrumentalizar os alunos no próprio processo de pesquisar (BITTENCOURT, 2009, p.18).

Dentre as falas recorrentes de equipes que participaram da ONHB, prevalece a de que estudar história deve ser, acima de tudo, tentar percebê-la, pensá-la e analisá-la criticamente, atendendo à necessidade de se sentir e agir como sujeitos dela.

Considerações finais

As referências já analisadas ressaltam aspectos positivos do envolvimento de estudantes como sujeitos construtores de conhecimentos nas chamadas Olimpíadas científicas. A ONHB, pela predominância do trabalho em equipe, tem reforçado a ciência, e não apenas o conhecimento histórico, como construção coletiva, o que tem ampliado as percepções dos sujeitos participantes. As entrevistas e demais análises, já iniciadas, precisam explicitar mais que resultados de uma pesquisa, motivando discentes e docentes que, em parceria, lidam com desafios durante todo o processo educativo. Em fase mais avançada da pesquisa, será possível apresentar as relações entre a práxis pedagógica orientada pelo trabalho de pesquisa e o desempenho de estudantes na ONHB.

Por fim, destaca-se que a participação em eventos científicos que discutam a relação educação e trabalho, importante em pesquisa nessa temática, muito contribui na formação de pesquisadores. A possibilidade de apresentar/divulgar um trabalho de pesquisa significa, também, motivar e dar visibilidade não apenas ao que está consolidado, mas abre espaço para críticas e considerações que um outro olhar é capaz de fazê-lo.

Referências

Livros

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

Boschi, Caio César. *Por que estudar História?* Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.

Artigos de periódicos on line:

MOURA, Dante Henrique. *Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração*. Holos, Natal, v.2, p.1-27, 2007. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>>. Acesso em: 17/11/2018.

MOURA, Dante Henrique. *Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?*. *Educ. Pesqui.*, Set 2013, vol.39, no.3, p.705-720. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>>. Acesso em 18/01/2019.

SAVIANI, Dermeval. *O choque teórico da Politecnia*. *Trab. educ. saúde*, Mar 2003, vol.1, no.1, p.131-152. ISSN 1981-7746. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r41.pdf>>. Acesso em 02/03/2019.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos. A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) como prática pedagógica no ensino médio integrado do IFRN. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. *Revista História Hoje*. Mossoró, RN, v. 5, n. 10, p. 66-86, dez. 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/273>>. Acesso em 20/10/2018.

RIBEIRO, R. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social*, v. 11, n. 1, p. 189-195, 1 maio 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20701999000100010>>. Acesso em 05/02/2019.

Teses e Dissertações:

COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos da. *A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado do IFRN*. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Semiárido, Mossoró, 2017. Disponível em <<http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1532>>. Acesso em 21/11/2018.